

ATA DE REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA AEPET-BA

Data: 13/11/2025

Hora: das 19h16min às 20h18min

Meio: Virtual

Presentes: Diretoria: Marcos André dos Santos, José Augusto Fernandes Filho, Érika Rebello Grisi, Francine Moreira e Renato Brandão do Nascimento. Associados: Meigle Mendes das Mercês e Luiz Henrique Amorim de Jesus.

Pauta:

- 1- PEC da reparação racial
- 2- Apresentação do balancete 1º semestre
- 3- Planejamento do calendário do final do ano
- 4- Reajuste de preços Locaweb (E-mail Marketing) - Sugestão de Lucila

1- PEC da reparação racial: Informação: Informação: A Diretora de Comunicação Erika Grisi iniciou passando um resumo do status atual da PEC, informando que estão aguardando a instalação da comissão temporária e o parecer do relator na Comissão Especial, destinada a proferir o parecer da proposta de emenda à Constituição nº 27/2024, do senhor Damião Feliciano e outros, que é o objetivo da PEC. Altera a constituição federal para acrescentar o capítulo 9 da promoção da igualdade racial, que institui fundo nacional de reparação econômica e de promoção da igualdade racial, com o objetivo de promover a igualdade de oportunidades e a inclusão social dos brasileiros pretos e pardos e dar outras providências.

O presidente Marcos André iniciou falando da importância de, no mês de novembro particularmente, que a sociedade brasileira, em particular a baiana, trate do tema do racismo, da desigualdade racial e da PEC da Reparação Racial. Mencionou que, além da presidência da AEPET-BA, está também na presidência do Instituto Afroamérica Bahia, que é uma instituição que funciona em rede a partir do Instituto Afroamérica Brasil, que foi constituído a partir de uma experiência de estudantes e professores da UFRB, no Recôncavo da Bahia, e que tem construído uma série de núcleos nacionalmente, de modo que nós, negros e negras, possamos atuar em rede, construindo uma rede de apoio, de solidariedade, mas também de difusão das nossas compreensões de mundo. E a coisa mais importante é dizer de que, para nós, o racismo não é um problema dos negros. Infelizmente, é muito comum se atribuir que, quando se vai fazer o debate de mulheres, os homens saem da sala e as mulheres tratam do assunto

como se o machismo se o patriarcado fosse um problema exclusivamente das mulheres e não do conjunto da sociedade. De igual modo, quando a gente vai discutir racismo, desigualdade racial. A gente diz: Olha, isso é um problema dos negros, os brancos, quando muitos são solidários, apoiam, nós temos uma compreensão de que isso não é adequado. Entendemos que o problema do racismo no Brasil é um problema do conjunto dos brasileiros e brasileiras. Não é possível que alguém se reivindique democrático, que defenda os valores e os pilares da República Democrática do Brasil, que defenda os valores da nossa Constituição Federal de 1988 e não tenha como elemento da sua pauta o combate ao racismo, deixando já de logo estabelecido de que não é possível não ser racista, então, numa sociedade constituída a partir dos valores que o Brasil foi constituído com mais de 349 anos de escravidão negra nesse país. Qualquer pessoa que seja intelectualmente honesta, ela precisa dizer: "Eu sou racista". E ela precisa dizer isso, porque isso é um elemento distintivo entre aqueles e aquelas que querem combater o racismo e os que querem mantê-lo. Não é possível combater aquilo que nós identificamos que não exista. E o Brasil criou um crime perfeito, pois se perguntar a cada dez brasileiros, se há racismo, muito provavelmente a maior parte deles dirá que sim, há racismo. Mas se perguntado igualmente a todos esses brasileiros se ele é racista, ele muito provavelmente vai dizer que não. Ou seja, temos um estado de coisa no Brasil, onde nós temos racismo, mas não temos racistas. Não reconhecer o racismo, que é a lente ideológica que nos forjou como país, portanto, todos nós vemos o mundo a partir da lente do racismo. Isso constitui precisamente o racismo estrutural, porque é aquilo que forma a nossa forma de ver o mundo. Não conseguimos ver o mundo a não ser pelos valores sociais nos quais somos imersos. Deste modo, independente do seu gênero, um brasileiro honestamente intelectual vai dizer: "Eu sou machista.". E dizer: isso é a forma mais adequada dele combater o machismo que há nele e na sociedade. De igual forma, é fundamental dizer: "Eu sou racista", independente da sua origem étnica, porque só reconhecendo que há racismo e que esse racismo não é um fenômeno do universo, ele é um fenômeno sociológico que está, portanto, nos sujeitos históricos daquele momento, nós poderemos combater o racismo. Não é possível não ser racista. Só é possível ser racista ou antirracista. Aquele que disser eu não sou racista tem duas condições: ou ele é ingênuo ou é desonesto, porque, infelizmente, também tem isso no Brasil, é que nós nos acostumamos a contar uma mentira chamada de democracia racial, onde as raças funcionam e existem e coexistem adequadamente cada um ao seu lugar. A única coisa que esqueceram de dizer é que os negros e negras desse país, o seu lugar é sempre do lado de fora. Nós tivemos a desventura de este mês, temos a primeira mulher negra na Academia Brasileira de Letras do Brasil, e um dos livros que a notabilizou chama se defeito de cor, onde recomendou a leitura. Retomou dizendo da importância de todos se compreenderem conceitos como racismo estrutural, de nós compreendermos as dificuldades pelas quais os negros e negras passam no Brasil e que essas dificuldades não são exclusivamente de classe, ela tem o componente cor. Quando os negros e negros vieram para o Brasil, eles

vieram constituir propriamente uma classe, a classe dos trabalhadores, porque esta foi a forma em que o Brasil desenvolveu como colônia e nos primeiros anos do império, e por muitos anos, ainda constituirá, a partir da exploração da mão de obra negra de origem africana, sequestrada em África, traficada pelo Atlântico, estuprada no Brasil, batizada em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Assim nós nos constituímos como brasileiros e brasileiras e assim foi constituída a classe trabalhadora no Brasil. Portanto, a essa altura, fala em políticas afirmativas, quando falam em uma PEC da Reparação, estão falando propriamente disso. Então, limpando o nosso terreno de que o racismo e discutir a consciência negra é um problema dos negros e negras, o Instituto Afroamérica foi criado para debater, discutir e ter uma prática permanente antirracista, que é um dever de todos os brasileiros e brasileiras, independente da sua origem étnica, e aquele que não tem isso como aspiração ou por ingenuidade ou por má fé, contribui para a manutenção do racismo estrutural que se constitui em institucional, porque os sujeitos que ocupam os cargos, sendo eles racistas, o racismo passa a constituir a forma como as instituições nacionais pensa a si mesmo e a sociedade, de tal modo de que, infelizmente, o genocídio porque passa a juventude negra, por exemplo, e como exemplo eloquente disso, mas não único, tivemos cento e trinta e dois mortos em uma única operação policial no Rio de Janeiro, cuja classificação do governador que determinou, a operação foi um sucesso. É isso, é esse estado de coisa que permite e que, em pesquisa, uma parte significativa dos Brasileiros, a maioria, inclusive, concordaram com a operação e com o morticínio de cento e trinta e dois jovens, nos remetendo então à música Haiti, que ingenuamente, Caetano provavelmente fez para denunciar a segunda maior chacina no Brasil, que foi a do presídio do carandiru em São Paulo. Talvez ele não pudesse imaginar que cento e onze presos indefesos, mas presos são quase todos pretos, seria substituída por cento e trinta e dois livres. Se eles eram estudantes, se eles eram trabalhadores, e a gente tem vários relatos de que, sim, é verdade, uma parte deles certamente tinha envolvimento com tráfico de drogas, mas se a totalidade deles compunha ou não uma organização criminosa com alcinha de traficante, isso é o menos importante. Eles morreram porque eles eram pretos. Eles morreram porque eles eram pobres. Eles morreram porque eles moravam em uma favela na periferia. Eles não morreram porque eram traficantes. Eles não morreram porque eles tinham fuzis. E a explicação é muito simples. A Polícia federal encontrou cento e dezesseis fuzis e não matou ninguém. A explicação é muito simples, não foram porque eles reagiram à prisão, porque Roberto Jefferson jogou uma granada na polícia federal e não morreu. Não estou defendendo que ele estivesse morrido, só estou estabelecendo um parâmetro para que a gente possa entender de que a morte de cento e trinta e dois jovens, supostamente envolvidos com tráfico de entorpecentes, não se dá por esta razão. De igual modo, só para ilustrar e a gente poder avançar, foram encontrados quatrocentos e cinquenta quilos de pasta de cocaína em um helicóptero e ninguém morreu e nem foi preso. É sobre essas coisas que a gente precisa falar. Vamos estabelecer, entre nós, uma relação de diálogo honesto. Alguém realmente acha que entre aqueles

cento e trinta e dois jovens mortos, estão os que organizam o tráfico internacional de drogas e de armas? Os que conseguem despachar contêineres em navios que fazem o tráfico global de entorpecentes e de armas? Alguém honestamente acredita nisso? Porque se alguém honestamente acredita nisso, está chamando aqueles jovens de verdadeiros Einstein, porque eu tenho certeza de que entre os que estão nos ouvindo, que nos ouviram em algum modo, muito provavelmente pedido a este, que faça o traslado de um produto lícito com nota fiscal, ele terá dificuldade de fazê-lo. Os embarços portuários e aeroportuários são enormes. Portanto, é exigida uma qualificação técnica muito específica, tanto para fazer o transporte do entorpecente, tanto para subornar, porque não é possível a transferência de quantidades enormes de armas e drogas sem a corrupção institucional. Percebem de que, se nós não limpamos as instituições, subir a favela ou descer a quebrada ou invadir uma periferia, qualquer com que nome que queiramos dar, não será senão enxugar gelo, porque lá não estão os traficantes, pelo menos não aqueles que têm condições sociais, materiais e intelectuais de organizar uma logística profundamente complexa. Nos morros e nas favelas do Brasil não se produz nem maconha, não se produz cocaína, não se produz fuzis, isso vem de algum outro lugar, e quem vai chegar até esses locais são pessoas muito provavelmente muito bem nascidas, e que a quantidade de recursos e nós vimos em operações recentes da polícia federal por onde passam esses recursos.

Nós, como sociedade, nos apropriamos do debate sobre que tipo de sociedade nós queremos, se desejamos reproduzir o modelo, até então vigente, onde mascaramos o racismo e o genocídio da população negra. Com o sorriso discreto daqueles que acreditam que vivemos uma democracia racial, como eu disse antes ou de má fé ou ingênuo, ou se nós queremos, todos nós independente da nossa etnia e da nossa origem, construirmos uma sociedade verdadeiramente democrática, porque não é possível falar em democracia num país tão profundamente desigual e onde quem está na base dessa desigualdade é a mulher negra, depois o homem negro, depois as mulheres brancas e no topo, nas palavras de Caetano Veloso, o macho adulto branco. Não é possível chamar uma sociedade como essa de democrática. Não é possível pensar em igualdade e nem é possível que convençamos a maioria das vítimas do dia seguinte que se juntaram àqueles jovens lá no Rio de Janeiro, porque, se contarmos quantos morreram desde então, muito possivelmente, chegamos aos mesmos números. Cento e trinta e dois mortos sobre o pretexto de combater a criminalidade. Isso no Rio de Janeiro. Isso na Bahia. Isso no Espírito Santo. Isso em Pernambuco. Isso em São Paulo, onde a morte e o encarceramento em massa da juventude tornou-se a tônica daquilo que nós entendemos, como a gestão da miséria, pelo método da necropolítica, a necropolítica como gestão da miséria de uma sociedade incapaz de incluir a todos os brasileiros e brasileiras. Finalizou dizendo da alegria de trazer esse debate para a AEPET-BA e de construir juntos, ainda que no mês de Novembro, mas não apenas um debate que nos traga a consciência coletiva de

que o problema do racismo no Brasil não é um problema dos negros e negras, ele é um problema da sociedade brasileira.

2- Apresentação do balancete 1º semestre: Decisão: Mantido em pauta.

3- Planejamento do calendário do final do ano: Decisão: Mantido em pauta.

4- Reajuste de preços Locaweb (E-mail Marketing) - Sugestão de Lucila:
Decisão: Mantido em pauta.

Nada mais havendo a ser tratado, encerrou-se a reunião com todos os presentes, lavramos esta Ata e damos fé.

Marcos André dos Santos
Presidente

José Augusto Fernandes Filho
Vice-Presidente

Renato Brandão do Nascimento
Diretor de Patrimônio

Francine Moreira
Vice-Diretora de Comunicação

Erika Rebello Grisi
Diretora de Comunicação

Luiz Henrique Amorim de Jesus
Associado

Meigle Mendes das Mercês
Associada